

# A EPISTEMOLOGIA EM MICHEL FOUCAULT: SUAS FACETAS E MULTIPLICIDADES

Jaqueline Vanessa da Rocha  
Kaique Esteves Romaiollo  
Karine Regina dos Santos Barbosa  
Robson Stigar  
Roseli Deolinda Hauer  
Faculdade Herrero, Curitiba, Brasil

---

**Resumo:** O presente artigo busca apresentar as idéias de Foucault com relação à loucura, epistemologia e poder, com o objetivo de vincular com os estudos da psicologia. O filósofo em sua particularidade expressa um olhar diante dos problemas psicológicos de uma forma poética, portanto, conduzimos este texto de modo a expor uma crítica diante ao preconceito vivido por todos aqueles que não estão dentro dos padrões de paradigma. Através de um pouco da biografia do teórico que mostra o quanto o contexto histórico contribuiu para o desenvolvimento de sua filosofia e entendimento, também, como seus estudos e pensamentos interferem nas reflexões filosóficas até os dias atuais.

Palavras-chave: Epistemologia, loucura, poder

**Abstract:** The present article tries to present the ideas of Foucault with respect to the madness, epistemology, power and to try to link with the studies of the psychology. The philosopher in his particularity expresses a glance before the psychological problems of a poetic form, therefore, we conduct this text in order to expose a criticism before the prejudice lived by all those that are not within the paradigm patterns. Tying with a little of the biography of the theorist that shows how much the historical context contributed to the development of his philosophy, understanding and how his studies and thoughts interfere in the philosophical reflections until the present day.

Keywords: Epistemology, madness, power

---

## **INTRODUÇÃO**

O filósofo Michel Foucault (1926-1984) foi grande referência e permanece influenciando ideias atualmente, abordou temas como a loucura e o poder. Descrito parte do desenvolvimento de sua filosofia e intelecto, observando seu envolvimento com a política e o quanto isso contribuiu com suas publicações dentro do contexto histórico.

Vinculando o aprimoramento que o teórico colaborou para o despontar da epistemologia arqueológica, almejando a fundamentação das ciências humanas, de modo que, aprofundar no estudo dessa episteme dentro dos conceitos pesquisados almejando entender como essa ciência do conhecimento interfere na construção do saber e no desenvolvimento da história, não com relação à origem da criação do homem.

Buscamos atrelar a ideologia do pensador com o âmbito da psicologia, a fim de explorar o sentido da loucura, não pelo contexto patológico mas pela essência que a move e faz o indivíduo fugir do cenário da razão, contudo ao se aprofundar no quesito loucura, da forma como Foucault a expôs, visamos pontuar o sentido enigmático e muito mais leve da concepção da doença mental.

“A loucura torna-se uma forma relativa à razão ou, melhor, loucura e razão entram numa relação eternamente reversível que faz com que toda loucura tenha sua razão que a julga e controla, e toda razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória. Cada uma é a medida da outra, e nesse movimento de referência recíproca elas se recusam, mas uma fundamenta a outra”. (FOUCAULT, 1978, p.35).

## **2 BIOGRAFIA**

Para Spíndula (2003) com base na biografia sobre Foucault escrita por Eribon, destaca que em cada momento desenvolvido, buscou construir a “paisagem intelectual” que movimentava o filósofo. A filosofia não brotava pelo ser singular com todas suas concepções e princípios, sempre haviam pensadores que foram referência para a construção de seu intelecto. “*Só se pode compreender um projeto intelectual e o seu desenvolvimento, em referência a um espaço teórico, institucional e político...*” (ERIBON, 1990).

De acordo com Machado, que acompanhou algumas entrevistas de Foucault nas décadas de 60 e 70, onde nelas, o filósofo falava com sentimento de lástima a decadência da matéria de filosofia nas faculdades, onde já não havia tanta importância, parecendo que as instituições queriam formar profissionais alienados. A propósito, bem parecido com o contexto atual, isso prova o quanto era contemporâneo. Foucault dentro do contexto Francês, iniciou sua filosofia muito diferente dos demais, que tinham como base o “sujeito” e a “consciência”, ele buscava pela filosofia crítica e produção do novo.

Falando sobre o grande filósofo, Machado (1999) explana que Michel estabelece uma relação de suas obras literárias com a loucura, com os problemas do homem moderno, a morte, sempre buscando correlacionar com as análises arqueológicas formando pesquisas do desenvolvimento do saber dentro da modernidade.

Spíndula (2003) comenta que Eribon analisando as publicações de Foucault, faz uma construção histórica intelectual, não obedecendo uma ordem contínua, dividindo-a em três partes:

- A Psicologia Maldita;
- A Ordem da Coisas;
- Militante e professor no Collège de France;

Foucault, em meio às revoltas em maio de 1968, se envolve no contexto político e tem desavenças com outros intelectuais, nesse período, ganha destaque com a publicação dos livros: *História da Loucura, Nascimento da Clínica, As Palavras e as Coisas e Arqueologia do Saber*. Estando comprometido politicamente, produz outro livro: *Vigiar e Punir*. De 1969 a 1980 foi professor na Universidade de Vincennes. Na década de 70 vinculado ao Collège de France, ministra uma aula que posteriormente torna-se o livro: *A Ordem do Discurso*. Em meio a esse tempo realiza

viagens ao Brasil, onde apresenta várias conferências, que na sequência também são publicadas com o nome *A verdade e as formas jurídicas*. Essa década foi marcada por várias produções de Foucault, ele publica *A Vontade do Saber* e também a *História da Sexualidade*, o primeiro da trilogia. Toda essa produtividade do filósofo tem uma correlação com sua militância, ele acabou se envolvendo em manifestos, atos políticos, abaixo-assinados e conflitos com a polícia, inclusive sendo preso.

Valério (2004), discorre com base nas obras escritas por Foucault na década de 70, que há uma questão crítica com relação a religião, uma singularidade no livro *A Vontade do Saber* indicando que a confissão dentro da igreja católica colabora quanto a definição e categoria do sujeito de acordo com sua sexualidade. Dessa forma sugere-se que para Foucault, a religião com seus métodos de regimento da verdade atua na produção do indivíduo (moldado as formas estabelecidas no contexto) induzidos pela ordem de poder e saber instituídos dentro da religião

Segundo Spíndula (2003), todo esse processo intelectual desenvolvido pelo Pensador, independente das tentativas de compreender as ideias do pensamento de Foucault, entende-se que a história por ele vivida e seus escritos, contribuiu efetivamente para com a arqueologia do saber.

### **3 A EPISTEMOLOGIA ARQUEOLÓGICA**

Kenneth Baynes, *After Philosophy*: “Mais correntemente do que qualquer outro pensador contemporâneo, Michel Foucault desenvolveu as implicações da rejeição de Nietzsche à ideia platônica de verdade. Em seu lugar, propõe o que pode ser chamado, na expressão de Deleuze, de uma ‘contrafilosofia’ que localiza as origens da verdade na luta e no conflito, na arbitrariedade e na contingência, em uma vontade de verdade que está essencialmente vinculada ao desejo e ao poder.” (apud STRATHERN, 2000, p. 39)

Antes de entendermos o conceito de epistemologia arqueológica e os conceitos de Michel Foucault, é importante termos claro o que é epistemologia: “é o estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências. É a teoria do conhecimento”. (TESSER, 1995).

Um das principais linhas epistemológicas é a de Foucault, esta “visa o fundamento das Ciências Humanas, o solo sobre o qual se constrói a Ciência”

(TESSER,1995), tendo em mente a compreensão do pensamento. Bem, o segundo ponto é esclarecer o significado de arqueologia: “A arqueologia é uma técnica de exumação das regras de pensamento que limitavam os conceitos de uma determinada época”. (STRATHERN, 2000).

Para Gimbo (2017) diante de outras linhas epistemológicas, a arqueológica tem por objetivo se posicionar de forma superficial da proposta científica, para não intervir em sua autossuficiência. Consequentemente não tendo o almejo de esclarecimento de outros âmbitos do conhecimento, tornando-se independente quanto à forma utilizada para chegar ao objetivo, deste modo, permite-se estabelecer críticas filosóficas ao cenário do saber, como por exemplo, nas abordagens da medicina, psicologia. Assim, Foucault poderia discordar e criticar a utilização do método científico, que ele via como incorreto.

Segundo Paul Strathern, Foucault não foi apenas um filósofo, mas sim um grande historiador, seus estudos e reflexões baseiam-se na ligação entre saber e poder, no entanto aborda outros assuntos que foram de grande importância para seus argumentos, como a loucura, a sexualidade, disciplina e punição.

Para Jeffman e Menezes, Michel Foucault expõe um conceito de “Triedro dos Saberes”, o qual é formado por três eixos:

- Eixo das Matemáticas e Psicomatemáticas, ciências exatas e protótipos da cientificidade;
- Eixo das Ciências da vida e da produção da linguagem;
- Eixo da reflexão filosófica.

O propósito era estudar como funcionava a evolução da *episteme* no povo ocidental. A epistemologia arqueológica na qual o filósofo se baseava, não buscava a procedência do homem e sim como é a percepção do mesmo diante da forma a controlar a ciência.

## **4 A LOUCURA**

Aos 33 anos em Paris, Foucault começou a escrever sobre a loucura, sua ideia era estabelecer o ponto em que a loucura se separa da razão, também explorar o fato de que o conceito de loucura muda ao longo dos anos. (STRATHERN). Foucault acreditava que o “louco” era um sinal de contradição nos meios de “exaltação da

razão”, e que ele era visto como uma grande ameaça a mesma, por não possuir tal feição por ela.

De acordo com MACHADO (1999), diante do Classicismo, Foucault teve uma descoberta brilhante de suma importância, durante a época da história Ocidental até a Revolução Francesa, não havia classificação para a doença mental, isso no período do século XVIII e meados do século XIX, com a criação dos manicômios, pelos psiquiatras Pinel e Esquirol, a loucura era simplesmente doença como qualquer outra, então o filósofo intensifica seus estudos e percebe que a medicina é classificatória, difere aspectos, intensidade, classes, entre outras formas, porém, com o conhecimento da loucura, estes conceitos eram desrespeitados, pois os declarados loucos eram enclausurados, não por tentar uma intervenção de recuperação desses indivíduos e sim os excluir da sociedade.

O conceito de loucura ao longo dos anos teve mudanças extremas, no Renascimento os loucos eram considerados sábios, já no início da Idade Clássica os loucos eram isolados da sociedade e encarcerados juntos aos mendigos, indigentes e criminosos, no final da Idade Clássica esses atos começaram a ser considerado barbárie e a loucura começou a ser vista como doença e considerado como caso psiquiátrico. Foucault considerava essas mudanças desnecessárias e nada lógicas, em 1961 publicou o livro “A história da loucura”, se estabelecendo como um líder intelectual. (STRATHERN).

Machado (1999), cita que o pensador enfatiza no momento em que ocorreu o grande encarceramento, na época era bem aceito pela população dita “normal”, aos olhos da sociedade o que era diferente ou tido como “absurdo” merecia reclusão, desde condições a nível sexual, como o julgado devasso, homossexuais, prostitutas, estas minorias para os demais, mereciam ser castigados. No caso de alguém que adquiriu uma doença venérea fora do casamento, não era feita nenhuma intervenção medicamentosa, o indivíduo era submetido a clausura. No Hospital geral eram internados todos juntos taxados como uma coisa só, o qual a razão clássica mais temia era o louco, esse sim era perigoso, pois não tinha medo de expressar o que queria, independente do que e a quem fosse afrontar.

De acordo com Nalli, Foucault traz o tipo de problema que queria trabalhar no livro *Maladie Mentale Et Personnalité*, ele destaca várias questões relacionadas a doenças psicológicas, busca fazer um paralelo entre patologia mental e orgânica.

Para ele, era fundamental acabar com os dogmas da “Medicina Mental” e trazê-la para outro rigor. Foucault percebeu que a medicina mental seguia pelo mesmo caminho da medicina orgânica, direcionada aos sintomas da doença e não as causas.

Michel Foucault direciona também os seus estudos sobre a loucura no entendimento de que cada época tem uma visão divergente sobre ela, e as ações da medicina sobre os julgados como “loucos”, estão diretamente ligadas ao conhecimento e principalmente a cultura em que está inserido, assim como a medicalização e a tentativa existente de trazer ou não o “louco” para a realidade e principalmente para a normalidade.

“Daí Foucault ser incisivo ao dizer que a psicologia jamais enunciará a verdade da loucura, porque é a loucura que detém a verdade da psicologia.” (MACHADO, 1999).

Segundo Providello e Yasui, Foucault não busca conceituar “loucura”, ele tentava entender a situação de exclusão em que ela se encontrava, como a sociedade a vivenciava e a queria distante. No seu livro “A História da Loucura” ele fala da loucura e como ela é construída em determinados momentos da história, como adquiriu esse desenho em torno da doença mental, a forma como foi construída, diante do estudos acerca desse fenômeno, o filósofo percebe que a loucura foi inventada, por ser um paradoxo e não se enquadrar dentro dos padrões da normalidade. O que seria a loucura se não houvesse alguém para observar tal comportamento? Não teria parâmetros comparativos para dizer o que seria normal ou não.

A loucura não é fácil de ser enfrentada, mas com relação a construção da razão, torna-se essencial, apesar da loucura vencer em certos momentos, a razão acaba por triunfar, logo, a loucura torna-se força vital e essencialmente secreta. (FOUCAULT, 1978)

“A loucura só existe em cada homem, porque é o homem, que a constitui no apego que ele demonstra por si mesmo e através das ilusões com que se alimenta.”

(FOUCAULT, 1978)

Foucault destaca em seu livro *A História da Loucura*, a seguinte colocação:

“Se a loucura vem sancionar o esforço da razão, é porque ela já fazia parte desse esforço: A vivacidade das imagens, a violência da paixão, este grande recolhimento do espírito para dentro de si mesmo, que são todos traços da loucura e os instrumentos mais perigosos, porque os mais aguçados, da razão. Não há razão forte que não tenha de arriscar-se à loucura a fim de chegar ao término de sua obra, não existe um grande espírito sem uma ponta de loucura... É neste sentido que os sábios e os mais bravos poetas aprovaram a experiência da loucura e ao sair, às vezes, dos trilhos normais.” (FOUCAULT, 1978).

Desta forma, nada é construído sem esforço, este por fim acaba sendo uma loucura, em momentos sair do círculo da razão é estritamente necessário quando se deseja com muita intensidade algo que considere promissor, essa frase do pensador mostra o quanto é moderno, apenas se observarmos como se vive atualmente, nessa loucura, direcionados aos objetivos, dentro do esforço relativo da razão.

## **5 O PODER**

Além de seus estudos direcionados a loucura, Foucault tinha interesse de saber como as pessoas lidavam com o poder. A palavra *poder* segundo o dicionário de Filosofia define-se como “...a capacidade de este conseguir algo, quer seja por direito, por controle ou por influência. O poder é a capacidade de se mobilizar forças econômicas, sociais ou políticas para obter resultado(...)” (FERREIRINHA, 2010). FERREIRINHA ainda pontua que, de acordo com o dicionário de Política, a definição da palavra torna-se mais ampla e em áreas distintas: Poder social, poder constituinte, poder moderador, poder político, poder potencial, poder coordenador, dentre outros. Mesmo desta outra forma de observá-lo ainda diz respeito a autoridade. BRÍGIDO (2013), menciona que a Sociologia indica o poder como uma prática exercida sob tal indivíduo ou sociedade, mesmo que seja reverso a quem está sendo submetido. Funciona como uma hierarquia vertical, quem detém o poder comanda aquele que é dominado. Essa abordagem se expande à várias áreas, como por exemplo, o poder



militar. Brígido ainda comenta que o poder sempre esteve presente na história, dentro das relações interpessoais, então a filosofia também contribui para o entendimento de como funciona esta condição de poderio.

De acordo com Ferreirinha, Foucault fez uma análise ao que atribui poder, direito e verdade, encontra-se um triângulo onde em cada um de seus vértices indica um desses itens (poder, direito, verdade). Ele tenta demonstrar como a sociedade se impõe e movimenta, onde há um líder, sempre haverá alguém que o segue, se existem leis, há quem as tenha determinado e quem as deve cumprir. O poder por verdade, se estabelece, pelos discursos produzidos ou por ações determinadas, onde indivíduos padecem dentro da própria organização que interfere sem discernimento do que vai acometer.

“...somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la.”

(FOUCAULT,1999:29)

É mais fácil perceber as relações de poder pela disciplina, por meio dela se estabelecem: O mandante - mandatário, opressor - oprimido, persuasivo - persuadido, independente da relação em questão sempre será “quem manda e quem obedece.” (FERREIRINHA, 2010).

Brígido menciona, que Foucault via o poder na forma da relação de força, este está localizado em todos os ambientes, não somente na questão política ou em instituições. “Todas as pessoas estão envolvidas por relações de poder e não podem ser consideradas independente delas ou alheias a elas.” (BRÍGIDO, 2013). O poder com seus instrumentos opera, oprime e controla a todos através da disciplina, isso pode ser adaptado de acordo com o ambiente em que o indivíduo está inserido, também reformulado conforme acontecem novas relações.

“...o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes

muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.”

(FOUCAULT, 1999: 163)

“Somos seres relacionáveis, sociáveis, e isso nos envolve nas relações de poder. Foucault nos aproxima dessa temática e, mais que isso, ele nos envolve nessa teia, nessa rede chamada poder.” (BRÍGIDO, 2013).

Cabe complementar que dentro dessa concepção, estamos todos dentro dessa linha tênue que é o poder, independente de qual lado esteja, a autoridade ou o submetido, torna-se por fim um círculo vicioso, pois há quem seja o submetido e quer se tornar a autoridade, porém, a autoridade nem sempre deseja a submissão. Podemos pensar que qualquer ato de poder, por menor que seja, pode influenciar ou dominar um indivíduo que anseia por destaque para se sentir superior. Penso que indiferente ao papel em que se enquadra, por mais que a sociedade impõe que o que detém poder seja melhor e dite regras, este em algum momento ou sempre irá precisar daquele que não possui poder algum. Somos seres únicos, cada um com suas aptidões, qualidades e defeitos, porque não podemos ter uma relação de igualdade, onde o respeito seja predominante?

## 5 A ARQUEOLÓGICA DE MICHEL FOUCAULT

O filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) definiu como epistêmica a estrutura subjacente e inconsciente que engloba o campo do conhecimento, ou seja, o modo como nós percebemos os objetos. É a maneira de agrupar os objetos ou defini-los. A *episteme* é um lugar a partir do qual o ser humano conhece. O objetivo de Foucault é analisar a *episteme* ocidental e seus sucessivos momentos, a partir de um novo método.

Podemos, inclusive, realizar uma aproximação entre a definição de *paradigma* de Kuhn e a de *episteme* de Foucault, no que tange à sucessão do paradigma e da sucessão epistemológica. Entretanto, epistemologicamente, se faz necessário estabelecer o limite de separar ambas em relação ao fundamento da ciência (JAPIASSÚ, 1981).

Foucault apresenta o conceito do “triângulo dos saberes”, noção que lhe permite definir uma espécie de espaço epistemológico, sendo ele de caráter racional e científico, da constituição das ciências humanas. A epistemologia fundada por Foucault procura saber a origem do discurso e sua estrutura histórica, bem como suas implicações na dominação do ser humano.<sup>1</sup> Segundo o autor, existe uma mutação no conceito de epistemologia devido à influência da filosofia de Marx (JAPIASSÚ, 1977, p. 28).

Trata-se de uma epistemologia arqueológica, que “não visa à descoberta da origem do homem, mas o fundamento das ciências humanas”, ou seja, “trata-se de um sistema, não de códigos de regras relativamente à percepção e à palavra, mas de ordem fundamental, que deve orientar e reger as ciências, constituindo para elas um *a priori* histórico” (JAPIASSÚ, 1977, p. 28).

Desta forma, Foucault estabeleceu que a história de um conceito, mediante a arqueologia da pesquisa científica, revela seus fundamentos que devem ser questionadas para evitarmos as amarras do controle e da alienação. Esta epistemologia se funda, portanto, na arqueologia das ideias e na formação da história, ou seja, na historicidade. No que se refere à ciência, é necessária uma profunda pesquisa do uso de determinados termos para podermos expor nossas escolhas metodológicas.<sup>2</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estabelecendo uma ligação entre esses paralelos de interesse do filósofo Foucault, podemos perceber que sempre há uma questão arbitrária, onde os considerados “loucos” estão sempre um andar abaixo daqueles que estão em plena condição intelectual, isso promove um poder sobre o qual não pode responder por si, assim como na hierarquia da sociedade, onde sempre quem possui a autoridade ou aquele que está dentro dos padrões, é considerado superior.

---

<sup>1</sup> Esta mutação epistemológica da história não está ainda acabada. Ainda em nossos dias, e sobretudo para a história do pensamento, ela não foi registrada nem refletida, enquanto outras transformações mais recentes puderam sê-lo (FOUCAULT, 2008, p. 13).

<sup>2</sup> A orientação para a *episteme* foi a única explorada até aqui. A razão disso é que, por um gradiente que caracteriza, sem dúvida, nossas culturas, as formações discursivas não param de se epistemologizar. Foi interrogando as ciências, sua história, sua estranha unidade, sua dispersão e suas rupturas que o domínio das positivities pôde aparecer (FOUCAULT, 2008, p. 218-219).

Essa questão arbitrária tem como objetivo principal excluir e banalizar os que não se enquadram na normatividade social. Os “loucos”, nesta concepção, são os que fogem do comum, que desafiam os padrões e muitas vezes, os que até quebram os paradigmas, são vistos como inimigos e um verdadeiro perigo para muitos dentro da sociedade.

Dentro da visão psicológica, embora Foucault tenha sido aversivo e muito crítico com a prática, inclusive da psicanálise, sua contribuição foi de extrema importância para indicar essa percepção da loucura, não distanciar o louco do considerado normal, para quem está estudando e pretende exercer funções na qual irá ter essa estreita relação entre psicólogo - paciente, é de suma importância perceber como se posicionar, sem ter nenhuma questão autoritária, pois neste estudo foi notado que nem sempre quem estava do lado da razão era quem a mantinha de fato.

## Referências

BRÍGIDO, Edimar. **Michel Foucault: Uma Análise do Poder**, Revista de Direito Econômico e Socioambiental, Curitiba, 2013.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes, RAITZ, Tânia Regina. **As Relações de poder em Michel Foucault: Reflexões teóricas\*** Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, 2010.

FOUCAULT, Michel. História da Loucura na Idade Clássica. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1978.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir Nascimento da Prisão. 20ª edição, Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

GIMBO, Fernando. **Epistemologia e Arqueologia: Foucault e a História da Ciência Francesa**, Juazeiro do Norte, 2017.

[https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788537810231/epubcfi/6/2\[;vnd.vst.idref=body001\]!/4/2\[cover-image\]/2@0:0.00](https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788537810231/epubcfi/6/2[;vnd.vst.idref=body001]!/4/2[cover-image]/2@0:0.00). Acesso em 10/11/2018

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg, MENEZES, Darciele Paula Marques, **Epistemologia: Compreendendo as Bases Teóricas do Fazer Epistemológico**, São Leopoldo, 2013.

MACHADO, Roberto. Foucault, A Filosofia e a Literatura. Zahar, 1999.

NALLI, Marcos. **Possibilidades e Limites da Cura Nos Textos Protoarqueológicos de Michel Foucault**. Marília, 2011.

PROVIDELLO, Guilherme, YASUI, Silvio. **A Loucura em Foucault: Arte e loucura, loucura e desrazão**, Revista História, Ciências, Saúde, Manguinhos, 2013.

SPÍNDULA, Pablo. **Trajetória Intelectual: O olhar de Didier Eribon sobre o pensador Michel Foucault**, São Paulo, 2008.

STRANTHERN P. Foucault em 90 minutos. Editora Zahar, 2000.

TESSER G. J. Principais linhas Epistemológicas contemporâneas. Educar, Curitiba, n 10. p 91-98. Editora da UFPR, 1995.

VALÉRIO, Mairon. **Foucault pensando a religião**, Mneme Revista de Humanidades, Caicó, 2004.